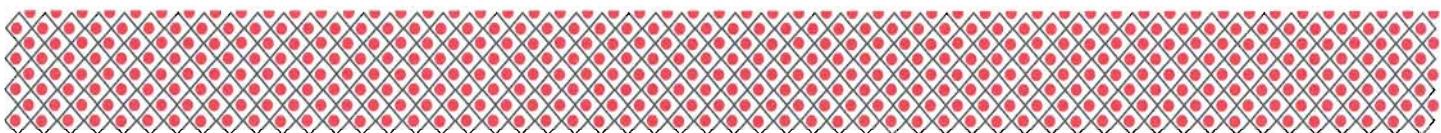


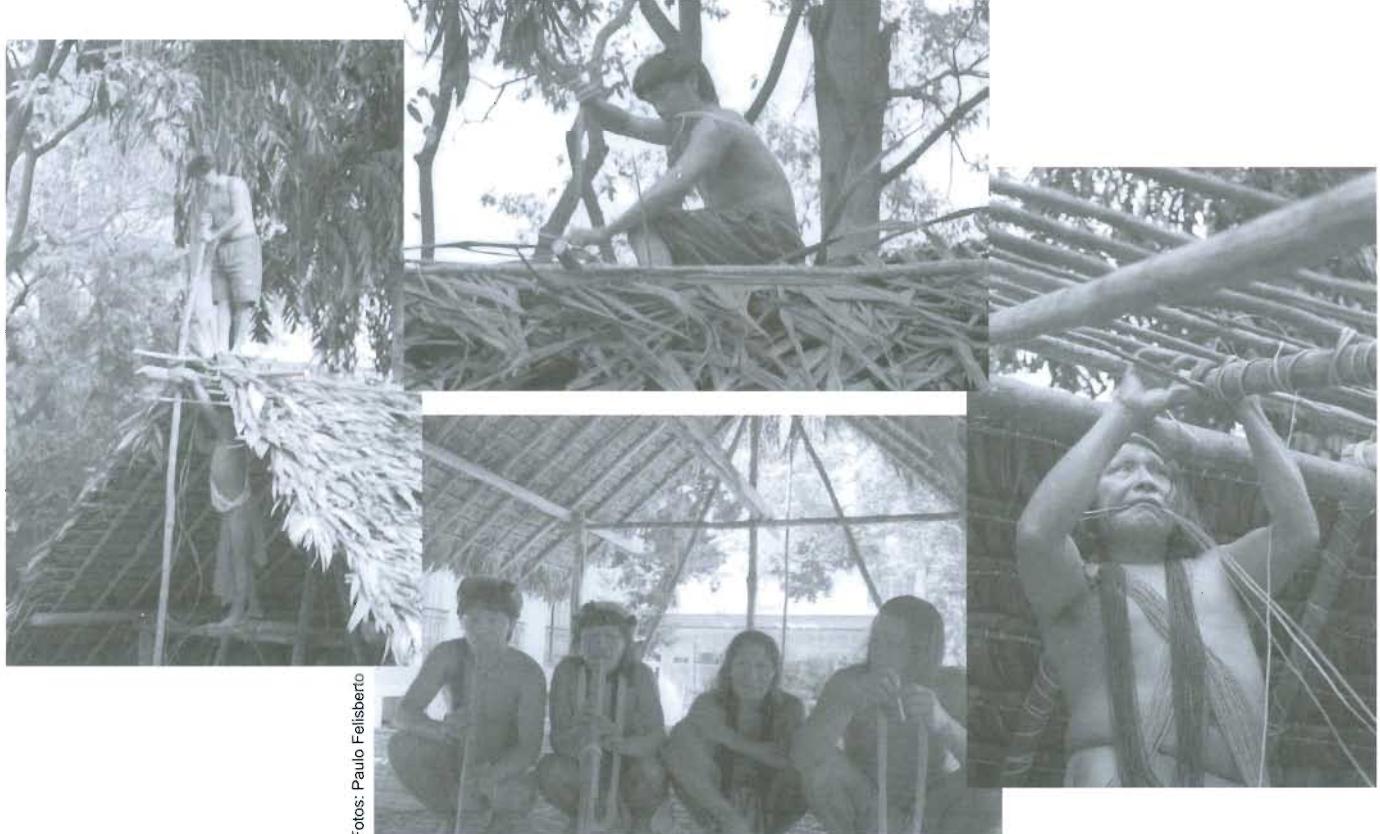
MUSEU AO VIVO



Ano XII N° 20
Fevereiro de 2001
a Janeiro
de 2002



Exposição valoriza cultura Waiãpi



Com a abertura da mostra *Tempo e Espaço na Amazônia*, em março de 2002, o Museu do Índio inova ao apresentar uma exposição em que, pela primeira vez, um grupo indígena da Amazônia participa intensamente de sua preparação. Além de selecionar as peças, os Waiãpi produziram uma coleção de mais de 300 objetos. *Páginas 2 e 3*

**Pesquisa: Os Apurinã
do Amazonas** *Página 4*

**Crianças no museu e
o museu nas escolas**
Página 4

EDITORIAL

José Carlos Levhino, Diretor do Museu do Índio

A mostra *Tempo e Espaço na Amazônia* representa, para o Museu do Índio, um desafio inovador. A preparação feita em conjunto com os Waiápi que participaram de diferentes etapas do trabalho mais o uso de sofisticadas técnicas museográficas, possível graças a conclusão da climatização na área de exposições, além da adoção de uma política de curadoria que imprime maior qualidade técnica aos eventos, são indicadores de que uma transformação profunda está sendo vivenciada pela instituição. Mas não é tudo: a ideia concreta o projeto do Museu de, através de suas atividades, apresentar resultados também para os índios.

Os obstáculos para a implantação da nova linha de trabalho foram vencidos através da competência de nossos funcionários. Aliados a um persistente esforço de modernização, estamos transformando o Museu do Índio em centro de referência com a dignidade indispensável àqueles que abrigam parte da memória deste País.

MUSEU AO VIVO

Jornal Museu ao Vivo nº20 Ano XII
fevereiro/ 2001 a janeiro/ 2002

Editado pela Seção de Comunicação Social/
Serviço de Atividades Culturais e Divulgação
SACD do Museu do Índio/FUNAI

Presidente da Funai: Glenio da Costa Alvarez
Diretor do Museu do Índio: José Carlos Levhino
Chefe do SACD: Arilza de Almeida
Responsável pela Seção de Comunicação Social:
Cristina Botelho

Jornalista responsável: Cristina de Jesus Botelho
Brandão Reg. Prof. 18.678
Consultora Técnica: Arilza de Almeida
(Antropóloga)
Redação: Cristina Botelho e Fabiane Chiesse
(estagiária)
Edição de Arte: Gessi Stancke
Digitalização: João Marcos Ribas de Mello
Programação Visual: Mauro Zaniboni
Tiragem: 5.000 exemplares

Museu do Índio
e-mail: comunicacao@museudointio.org.br
site: www.museudointio.org.br
Rua das Palmeiras 55, Botafogo - RJ

Museu ao Vivo não se responsabiliza por
conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.



ENTREVISTA

Com Dominique Tilkin Gallois

"O Museu do Índio é a instituição que mais se preocupou, nos últimos anos, em divulgar, entre seu público e sobretudo entre as crianças que visitam as exposições, a diversidade e a riqueza das culturas indígenas, com informações acessíveis, contextualizadas e atualizadas."



Paulo Feijó

Dominique Gallois, curadora da próxima mostra do Museu, registra o trabalho dos Waiápi

Dominique Gallois é professora-doutora do Departamento de Antropologia e coordenadora do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da Universidade de São Paulo. É assessora do Centro de Trabalho Indigenista CTI para coordenação e execução, junto aos Waiápi do Amapá, de programas de intervenção nas áreas de educação e controle territorial. Desenvolve pesquisa etnológica entre os Waiápi e os Zo'é, com trabalhos publicados sobre a história, a cosmologia e o xamanismo desses povos Tupi da Amazônia.

Museu ao Vivo: O que a exposição *Tempo e Espaço na Amazônia* vai apresentar?

Dominique: A exposição vai apresentar objetos, imagens e sons para que o público possa viajar até as aldeias dos índios Waiápi no Estado do Amapá. Para se aproximar da visão de mundo deste povo indígena da Amazônia, o visitante conhecerá primeiro suas festas, seus mitos e o olhar de seus pajés. Na outra metade da mostra, serão apresentados os conhecimentos e os usos que os Waiápi fazem da floresta, com desenhos, fotos e artefatos utilizados nas tarefas dos homens e das mulheres. No jardim do Museu, há uma casa construída pelos Waiápi, exatamente igual às que eles fazem em suas aldeias e com todos os objetos utilizados no cotidiano. O público da exposição também poderá ver documentários sobre povos indígenas da Amazônia. Publicações sobre a casa, a pintura corporal e o artesanato dos Waiápi poderão ser consultadas ou adquiridas. Para as crianças, haverá um roteiro especial, com brincadeiras ambientadas nas aldeias e na floresta dos índios da Amazônia.

. Como está sendo a participação dos Waiápi na organização da mostra?

Dominique: Desde que a proposta de uma exposição no Museu do Índio foi feita aos Waiápi pelo seu diretor, em março passado, os Waiápi se mobilizaram para produzir a coleção de mais de 300 objetos e todos os materiais necessários para a casa que seria construída no Rio. Com apoio dos jovens que dirigem o Conselho das Aldeias / Apina, os produtores comunicavam-se através da rádio, circulavam listas, preocupados com os prazos e com a qualidade dos objetos. Esta é a primeira vez que um grupo indígena da Amazônia participa tão intensamente e, sobretudo, coletivamente, da preparação de uma exposição. Eles se organizaram para que todos os diferentes grupos locais da área possam colaborar com o evento. Foi assim que eles fizeram a lista dos objetos, indicando quem faria cada uma, distribuindo tarefas entre todos. Durante três meses, trabalharam muito em todas as aldeias, selecionando as melhores peças, transportando tudo desde lugares muito distantes. Depois, escolheram as pessoas que viriam para construir a casa, indicaram as que virão para orientar a montagem da mostra e os músicos que irão tocar suas flautas na festa de abertura.

. Qual a importância do evento para a valorização e divulgação do patrimônio cultural dos Waiápi?

Dominique: O Museu do Índio é a instituição que mais se preocupou, nos últimos anos, em divulgar, entre seu público e sobretudo entre as crianças que visitam as exposições, a diversidade e a riqueza das culturas indígenas, com informações acessíveis, contextualizadas e atualizadas. Com esta nova exposição, sobre um grupo indígena específico, espera-se poder trazer aos visitantes uma visão mais ampla do que seja um patrimônio cultural, envolvendo não apenas técnicas de construção de artefatos, padrões gráficos, estilo dos adornos, mas sobretudo modos de ver e de pensar. Por isso, a exposição levará o público a conhecer aspectos da cosmovisão dos Waiápi, mostrando formas de comunicação com o mundo da criação, as relações entre homens e animais, revelando a riqueza da vida espiritual dos índios da Amazônia. São estas formas de conhecer o universo, próprias a cada cultura, que dão sentido às particularidades de cada uma, em sua vida cotidiana e ritual. Com este roteiro, que vai tratar não só de práticas mas também de pensamento, contamos suscitar maior respeito pelos conhecimentos e modos de vida indígenas na Amazônia.

Índios Waiápi constróem casa no Museu

Ambientação é a maior peça da exposição *Tempo e Espaço na Amazônia*

Cinco metros e meio de altura, cinco de largura e nove de comprimento: são essas as medidas da maior peça da exposição *Tempo e Espaço na Amazônia variações sobre um mesmo tema: os Waiápi*, próxima mostra do Museu do Índio. Trata-se da jurá, uma casa tradicional construída nos jardins do Museu por Matapi, Noé, Matã e Emyra, índios do grupo Waiápi do Amapá. A exposição contará ainda com outras 333 peças, todas feitas pelos próprios índios. Dominique Gallois é a curadora da mostra, que tem o apoio da Fundação Vitae e dos Governos do Amapá e do Rio de Janeiro.

Foi a primeira vez que Matapi, Noé, Matã e Emyra vieram ao Rio. "A gente não veio aqui só para passear. A gente veio para trabalhar", disse Matapi. A jurá, resultado de uma semana de trabalho dos Waiápi, já pode ser visitada pelo público, que terá a oportunidade de conhecer a ambientação Waiápi e a diversidade da arquitetura indígena. O jardim do Museu abriga também casas Guarani e Kuikuro.

A jurá é constituída por uma parte térrea e por um pavimento elevado, que dá nome à casa. Os Waiápi cortam os troncos de palmeira ao meio e os trançam para fazer a parte de cima, onde fica a área íntima da família, com espaço para o fogo e para as redes.

A arquiteta Catherine Gallois, consultora da mostra, ressalta a funcionalidade da arquitetura Waiápi. Bem adaptada às condições climáticas da Floresta Amazônica, a jurá protege contra as chuvas constantes sem deixar de ser arejada. Catherine destaca também a preocupação estética dos Waiápi em relação à casa, que pode ser vista no cuidado com as amarrações e com o acabamento.

A estética da casa está relacionada com o tempo de existência da aldeia. Como as famílias estão ficando cada vez mais tempo em determinado lugar, os materiais que compõem a casa acabam se degradando. A palha usada para cobrir a jurá dura cinco anos, que é aproximadamente o tempo de degradação das roças. Quando a roça se esgota, é preciso fazer uma nova aldeia.

Quem são os Waiápi?

Nós somos Waiápi. Nós moramos no Brasil, no estado do Amapá. Vivemos dentro da Terra Indígena Waiápi, com 604 mil hectares. A demarcação começou em 1994 e terminou em 1996. Cada grupo Waiápi mora em uma aldeia separada. Alguns moram muito longe, outros moram perto. Nós temos 13 aldeias, e os Waiápi ainda vão aumentar. A vida waiápi é diferente da vida do branco. Nós usamos tanga, urucum, flecha e colar de miçanga. Nossa alimentação também é diferente. Comemos beiju e carne de caça por exemplo: catitu, veado e anta. Nós não perdemos a nossa bebida. Ela é feita de mandioca. Nossas aldeias são diferentes das cidades. Nós derrubamos poucas árvores para fazermos as roças.

APINA é o Conselho das Aldeias Waiápi. Foi marcado no dia 25 de agosto de 1994. Todos os caciques vieram. Foram os chefes que colocaram o nome APINA. É para ajudar o povo Waiápi, para apoiar nossos parentes e vender artesanato e produtos por exemplo: capuá, copaíba, castanha. Para isso nós criamos o APINA. O APINA tem quatro secretários para ajudar o presidente e o tesoureiro.

Professores Waiápi

Extralido do *Livro do Artesanato Waiápi* Livro de leitura e divulgação da cultura Waiápi
Projeto de Educação Waiápi
Centro de Trabalho Indigenista/ MEC
São Paulo, 1999

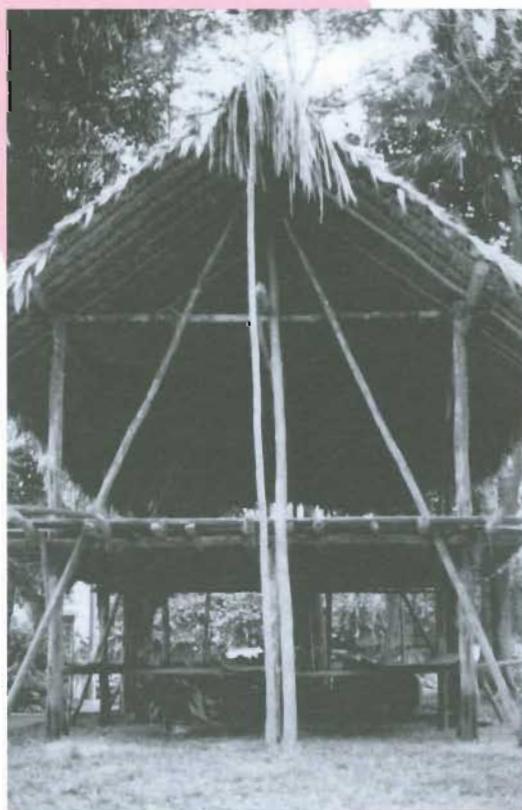
Se um grupo decide fazer uma aldeia em outro lugar, a família tem que começar do zero, fazendo nova roça, construindo nova casa. Logo, o dono da casa não vai empregar uma grande parte do seu tempo e uma grande quantidade de matéria-prima, pois dentro de cinco anos ele terá que fazer tudo de novo.

Por ser a maior das três casas construídas pelos Waiápi, a jurá é a que precisa de mais matéria-prima e, portanto, mais tempo. Na aldeia, é o dono da casa que a constrói sozinho, mas ele recebe ajuda da família. As mulheres ajudam a carregar o material. Tendo ainda de dividir o seu tempo entre outras atividades, como a roça, a caça e a pesca, o Waiápi pode levar até um ano para construir a jurá.

A ambientação do Museu do Índio pode ficar pronta em uma única semana por causa da dedicação de quatro índios e também por causa da disponibilidade de matéria-prima. Palha, troncos e cipós utilizados na construção da casa foram trazidos do Amapá por um caminhão. Tradicionalmente, o material utilizado na jurá vem da coleta, nada é plantado.

A arquiteta Catherine Gallois participou da elaboração do projeto da casa Waiápi para a mostra *Tempo e Espaço na Amazônia*. "Apesar de a jurá ser dos índios, é preciso fazer um projeto de arquitetura para a casa porque, numa exposição, a gente tem que prever o material e o espaço que vão ser utilizados. Além disso, a exposição é a nossa interpretação sobre os Waiápi", disse Catherine.

A casa terá também utensílios de cozinha na parte de baixo e redes na parte de cima. Na jurá, o visitante encontrará também as pilhas, o rádio, o saco plástico, a espingarda, enfim, o que vem da cidade. "A gente não vai mostrar uma casa de mentira", concluiu a arquiteta.



Fabiane Chiesse

Os dois andares da jurá transformam a casa na maior peça da exposição *Tempo e Espaço na Amazônia*

INFORMES



Fabiane Chiesse

© **EMPRÉSTIMO** - Divulgar conhecimentos sobre a diversidade indígena brasileira é o objetivo do empréstimo de produtos didáticos que o SACD - Serviços de Atividades Culturais e Divulgação realiza junto às escolas das redes pública e privada de ensino. Os materiais permitem ao professor realizar atividades em sala de aula sobre a temática indígena. São eles: caixas temáticas, mostra *Grafismo Indígena*, exposição fotográfica *Sala Guarani* e a recém-criada Mala Cheia de Histórias.

A Mala Cheia de Histórias é um kit de empréstimo destinado à Educação Infantil, divulgando informações sobre os grupos Guarani (RJ, SP, ES), Marubo (AM), Xavante (MT) e Bororo (MT). Contém livros infantis, fita de vídeo, Cd, brinquedos para montar, acompanhados de manual e bibliografia.

Guarani no Rio de Janeiro e *Culinária Indígena* são as próximas caixas temáticas com vídeos, livros, Cds, CD ROMs, fotos, objetos indígenas, além de textos e folhetos sobre o assunto e bibliografia.

A mostra *Grafismo Indígena* é composta por carimbos - com vários modelos de desenhos indígenas -, textos e objetos dos grupos indígenas Karajá (TO), Kadiwéu (MT), Asuriní (PA) e Waurá (MT). *Sala Guarani*, através de fotos, mostra a riqueza cultural dos índios Guarani de Parati (RJ). Os materiais também ficarão à disposição dos centros culturais, todos a partir de abril.

© **CRÍANÇAS NO MUSEU** - Ficou para trás a época em que museus ditavam programações para um público passivo. Pensando assim, o Museu do Índio lança o programa educativo *Crianças no museu e o museu nas escolas*, elaborado pelo SACD, a partir de estudos junto aos visitantes, que vai complementar a visita das crianças e grupos de escolas à exposição. É um trabalho ancorado na mostra *Tempo e Espaço na Amazônia*, a ser inaugurada, no Museu do Índio, em março de 2002. O projeto apresenta atividades educativas e materiais para empréstimo, totalizando 22 kits, desenvolvidos para dar suporte às crianças, pais e professores, público potencial da exposição.

É a primeira vez que o Museu vai trabalhar com um público segmentado (até 6 e maiores de 6 anos). O público majoritário do Museu é o da Educação Infantil, no qual a instituição tem maior investimento, sem deixar de lado as outras faixas etárias com atividades apropriadas. Orientar a respeito da diversidade cultural dos povos indígenas brasileiros, sua contemporaneidade e, em particular, aspectos culturais do povo indígena Waiápi (AP) é o objetivo dos produtos e atividades educativas desenvolvidos:

Produtos:

- "Karyu Waiápi" - peças
- "Roças, pátios e aldeias" - fotos
- "Nós Waiápi" - galhardetes com desenhos e textos dos próprios índios
- "Jogo Gigante" - atividade infantil

Está prevista também a seguinte programação: recepção às escolas com animadores, visitas dramatizadas à exposição, realizações de jogo temático sobre o espaço e a cultura material Waiápi e atividades lúdicas realizadas por monitores indígenas.

© **JOGO GIGANTE** - Meninos e meninas que visitarem o Museu, em 2002, poderão vivenciar, na prática, o que acontece numa aldeia Waiápi, participando de um jogo temático personalizado. A atividade será uma oportunidade para os visitantes matarem a curiosidade de tocar e usar os objetos expostos, o que é, geralmente, proibido em exposições. Os jogadores experimentarão o cotidiano dos índios, simulando tarefas como a caça, a coleta e a pesca. São 12 m² de cenário interativo feito de lona pintada, com ambientação musical e um dado gigante. O jogo também poderá ser emprestado às escolas, no 2º semestre.

© **FILMES** - Cerca de 45 títulos do acervo filmico do Museu do Índio serão restaurados e telecinados pela Fundação Nacional de Arte - Funarte com o apoio do Ministério da Cultura, através do projeto *Restauração e Aquisição de Acervo Cinematográfico para Utilização na Programação do Canal Cultura e Arte da Secretaria de Audiovisual*. Os filmes, relativos aos registros etnográficos da Comissão Rondon, Serviço de Proteção aos Índios - SPI, Conselho Nacional de Proteção aos Índios CNPI e Museu do Índio, abrangem as décadas de 1940 a 80.

PESQUISA

Índios Apurinã do Amazonas

Maria Goretti Moreira, pesquisadora do Museu do Índio

Em abril de 2001, o Museu do Índio recebeu dez Apurinã de Boca do Acre. Eles vieram construir uma Casa do Beiju do seu povo nos jardins da instituição com apoio do Governo do Acre. Depois desse trabalho, a direção do Museu solicitou, em julho de 2001, a ida de pesquisadores à Terra Indígena Apurinã para que fizessem o registro de imagem do processo de produção de farinha, desde a colheita da mandioca até a torração. A Casa do Beiju, construída no Museu, fará parte da exposição *Tempo e Espaço na Amazônia* que será inaugurada em março de 2002.

Os Apurinã estão situados no Sudoeste do Amazonas, divisa com o Estado do Acre. A população, de aproximadamente 2416 pessoas, é do tronco lingüístico Aruák e se autodenomina Popingaré ou Kangitê. O trabalho foi realizado na Aldeia Camicuã, com cerca de 350 pessoas. A área está demarcada e homologada desde 1986, com 48 mil hectares de terra, às margens do Rio Purus.

O contato com a sociedade nacional é de aproximadamente um século, desde o primeiro ciclo da borracha na região. Apesar do contato, os Apurinã ainda mantêm muito das suas tradições, como os mitos e as festas rituais.

A principal atividade agrícola de subsistência é a mandioca, mas eles também plantam milho, cará, arroz e feijão na própria aldeia. Algumas frutas características da Região Norte do Brasil complementam a alimentação como açaí, patuá, abacaba, cacau bravo, bacuri, buriti e piquiá.

A mandioca tem uma grande importância cultural na base alimentar para o povo Apurinã e em toda a região. No interior da comunidade, cada família tem sua roça.

A principal utilização da mandioca na culinária dos Apurinã é o preparo do beiju e da caiçumã (bebida fermentada). A mandioca é descascada, ralada, espremida e colocada na água, dentro de um cesto coberto de folhas, onde a massa fica durante muitos dias, até entrar em fermentação. Depois de prensada no tipiti, ela é aquecida em potes de barro, enquanto é mexida constantemente. Desta massa prepara-se beiju e bolos.

Atualmente, o artesanato apresenta-se como uma fonte econômica importante para esse povo. Com muita habilidade, eles produzem artesanatos dos mais variados tipos, destacando-se atualmente na produção de "jóias da floresta": colares, gargantilhas, pulseiras, brincos e anéis feitos de caroço dos frutos e de palhas de algumas palmeiras, como tucumã, jarina, inajá, murmurú e açaí.

Essa produção revaloriza parte da cultura Apurinã, além de envolver toda a família no processo, desde a colheita dos recursos naturais na floresta, feita principalmente pelos jovens e adultos, até o acabamento final, que fica sob a responsabilidade das mulheres, sejam crianças, jovens ou adultas. Por terem boa qualidade, esses produtos são comercializados nos centros urbanos, em feiras nacionais e rodas de negócios, com o apoio do Governo do Acre.

Os registros visuais, sonoros e textuais, obtidos na área Apurinã, servirão de suporte para o desenvolvimento de produtos sobre a Casa do Beiju. A pesquisa tem por objetivo fornecer ao público visitante informações atuais e com qualidade.

IMPRESSO